

Avaliação da prevalência da automedicação entre acadêmicos de medicina no Brasil: uma revisão integrativa

Evaluation of the prevalence of self-medication among medical academics in Brazil: an integrative review

Karenn Fernanda Silva Delmondes¹, Fernando Augusto Medeiros Souto², Ana Cristina Doria dos Santos³,

RESUMO

A automedicação é um termo que refere ao uso de medicamentos de maneira incorreta ou sem a orientação de um médico. O que é uma prática perigosa e pode ocasionar uma série de problemas. Nesse sentido, foi realizado uma revisão integrativa qualitativa, de coleta retrospectiva, nas bases de dados Bivlioteca Virtual em Saúde(BVS), Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e PubMed, entre os anos 2015 a 2023, sobre a prevalência da automedicação entre os estudantes de medicina. Foram incluídos: artigos em inglês e/ou português, que respondessem à pergunta norteadora “Qual a prevalência da automedicação entre os estudantes de medicina?”. Os resultados indicam uma alta prevalência de automedicação entre estudantes de medicina, com um aumento significativo à medida que avançam no curso. Isso representa um problema de saúde importante. Por isso, deve-se analisar a motivação para a automedicação entre esse grupo e os riscos que essa prática traz, a fim de reduzir a automedicação entre os futuros profissionais de saúde. Assim, a prática da automedicação é alarmante e pode levar ao agravamento de doenças e causar sérios danos à saúde. Além disso, existem fatores contribuintes que devem ser minimizados ao máximo, como: o acesso fácil a medicamentos sem prescrição, a falha na divulgação sobre os riscos da automedicação e a importância do uso responsável de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação, Estudantes, Medicina

ABSTRACT

Self-medication is a term that refers to the use of medications incorrectly or without the guidance of a doctor. This is a dangerous practice and can cause a series of problems. In this sense, a qualitative integrative review was carried out, with retrospective collection, in the databases Bivlioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) and PubMed, between the years 2015 and 2023, on the prevalence of self-medication among medical students. The following were included: articles in English and/or Portuguese, which answered the guiding question “What is the prevalence of self-medication among medical students?”. The results indicate a high prevalence of self-medication among medical students, with a significant increase as they progress through the course. This represents a major health problem. Therefore, the motivation for self-medication among this group and the risks that this practice brings must be analyzed, in order to reduce self-medication among future health professionals. Therefore, the practice of self-medication is alarming and can lead to the worsening of diseases and cause serious damage to health. Furthermore, there are contributing factors that must be minimized as much as possible, such as: easy access to medicines without a prescription, failure to disclose the risks of self-medication and the importance of responsible use of medicines.

Keywords: Self-medication, Students, Medicine.

¹ Graduanda em Medicina, Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida. E-mail: karennf243@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7640-5715>

² Graduando em Medicina, Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida. E-mail: soutoferando74@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9009-229X>

³ Doutora em Biotecnologia, docente FESAR/AFYA. E-mail: ana.doria@fesar.edu.br ; ORCID: 0000-0002-4910-4754.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação refere-se à seleção e ao emprego de medicamentos, incluindo chás e remédios tradicionais, por indivíduos para tratar doenças que eles próprios diagnosticam ou sintomas, sem orientação de um profissional médico. No contexto brasileiro, o país lidera a lista na América Latina e ocupa a quinta posição global em consumo de medicamentos. Esse padrão tem como consequência um elevado número de óbitos anuais relacionados à intoxicação medicamentosa¹.

Esse cenário sofre algumas diferenças de acordo com a região, classe social e gênero. Uma Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM), realizada entre 2014 e 2015, obteve como conclusão que essa prática aparece influenciada pelo sexo feminino, por residir nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte, e pela presença de doenças ou condições crônicas². Contudo, apesar de que esse costume muitas vezes seja visto como uma solução rápida, prática e conveniente para tratar sintomas gerais e leves, esse hábito pode levar a diversos riscos à saúde, como a ingestão de medicamentos inadequados, superdosagem, interação medicamentosa e agravamento do quadro clínico³.

De acordo com pesquisas, a prática da automedicação pode ter um efeito negativo na formação do acadêmico de medicina, prejudicando a sua capacidade de avaliar corretamente os sintomas dos pacientes e escolher o tratamento mais adequado⁴. Além disso, um estudo realizado mostrou que os acadêmicos de medicina que praticam a automedicação são mais propensos a usar medicamentos inapropriados e a terem reações adversas aos medicamentos⁵. Estes autores também destacam a importância da educação e conscientização dos estudantes sobre os riscos da automedicação.

Portanto, nota-se que a automedicação dos estudantes de medicina é um dilema na contemporaneidade e apresenta grandes riscos para a saúde dos acadêmicos, que recorrem a medicações para enfrentar os desafios diários dessa rotina desgastante aliada ao estresse e à falta de sono regular. Nesse sentido, o presente estudo tem o objetivo de analisar o perfil epidemiológico da automedicação presente nos estudantes de medicina, avaliando as principais motivações e medicações utilizadas pelos acadêmicos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa de natureza qualitativa. Este método de pesquisa é caracterizado como uma modalidade de revisão da literatura que compila descobertas de estudos primários conduzidos por meio de diversas abordagens metodológicas, permitindo que os revisores realizem uma síntese dos resultados sem modificar a essência dos estudos incorporados. Além disso, a revisão integrativa tem a capacidade de proporcionar novas perspectivas e abordagens relacionadas ao tema sob análise⁶.

A busca dos artigos foi realizada em setembro de 2023. Os critérios de inclusão do estudo foram: artigos em inglês e/ou português, publicados entre 2015 e 2023, que respondessem à pergunta norteadora “Qual a prevalência da automedicação entre os estudantes de medicina?”. Além disso, foram selecionados estudos do tipo coorte, ensaio clínico randomizado, transversal, caso controle, relatos e séries de casos e que estivessem disponíveis para a leitura na íntegra. Para a população a ser analisada, foram incluídos estudos que envolvessem somente estudantes de medicina que se automedicam. Em relação aos critérios de exclusão, foram definidos: artigos publicados fora do período delimitado, estudos que não respondessem à pergunta norteadora, artigos duplicados, artigos do tipo revisão de literatura e artigos que não fossem publicados em inglês ou português.

Para a realização da pesquisa, foram escolhidas as bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e PubMed. Os descritores utilizados para a busca foram selecionados de acordo com o tema proposto, através dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) e do Medical Subject Heading (MESH), sendo, então: “automedicação”, “estudantes” e “medicina”, suas combinações e variantes em inglês (utilizando os operadores booleanos), conforme demonstrado no quadro 1.

QUADRO 1. Estratégias de busca realizadas nas bases de dados e seus resultados

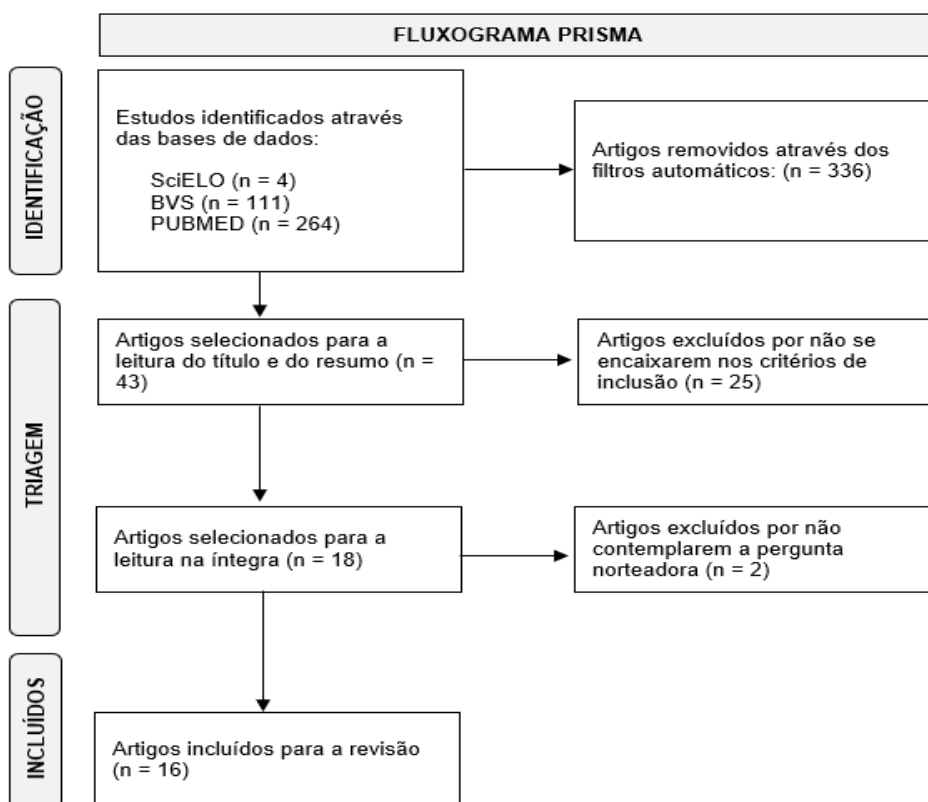
Base de dados	Estratégia de busca	Resultados
BVS	(automedicação) AND (estudantes) AND (medicina)	111
PUBMED	"self-medication" AND "students" AND (medicine OR "medical students")	264
SciELO	(automedicação) AND (estudantes) AND (medicina)	4

Fonte: Os autores (2023)

A seleção dos estudos a serem incluídos nessa revisão foi conduzida por meio do

fluxograma Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (PRISMA, 2020), conforme ilustrado na figura 1. Após a realização das pesquisas nas bases de dados escolhidas, foram encontrados 379 estudos. Destes, 336 foram excluídos após a aplicação dos filtros automáticos e 43 estudos foram incluídos para a análise do título e do resumo. Destes, foram excluídos 25 por não corresponderem à temática abordada, apresentarem duplicidade ou desenho de estudo incompatível. Após a leitura na íntegra dos 18 artigos elegíveis, foram excluídos 2 artigos. Dessa forma, 16 artigos foram incluídos nesta revisão.

FIGURA 1. Fluxograma PRISMA adaptado pelos autores



Fonte: Os autores (2023)

3. RESULTADOS

Dentre os 16 artigos selecionados, todos eram estudos do tipo transversal, conforme sintetizado no quadro 2. Os países com mais estudos realizados foram Brasil (n=5), Nepal (n=3) e Irã (n=1); os demais países tiveram apenas 1 estudo realizado.

QUADRO 2. Estudos incluídos na revisão integrativa

Autores e ano de publicação	País	Design do Estudo	Conclusões
Yasmin <i>et al.</i> , 2022 ⁷	Paquistão	Transversal	Houve práticas comuns de automedicação entre estudantes de medicina e farmácia. Trata-se de um problema de saúde significativo, especialmente durante os tempos de pandemia, com alto consumo relatado como prevenção ou tratamento de sintomas de COVID-19.
Petrović <i>et al.</i> , 2022 ⁸	Sérvia	Transversal	A automedicação é altamente prevalente entre estudantes de ciências médicas, especialmente entre estudantes no último ano. O aumento do conhecimento médico levou a uma maior consciência dos riscos das interações medicamentosas.
Ramadan, 2022 ⁹	Iraque	Transversal	A automedicação é muito comum entre estudantes de medicina, relacionada à natureza simples das doenças encontradas pelos estudantes e ao fator tempo, o que também foi facilitado pela fácil disponibilidade de medicamentos e informações dos livros didáticos. A prevalência da automedicação aumenta à medida que aumenta o ano de estudo. Isso pode ser devido ao aumento de informações dos estudantes sobre os medicamentos e ao aumento da exposição do estudo a doenças e medicamentos.
Shrestha <i>et al.</i> , 2022 ¹⁰	Nepal	Transversal	A prevalência de automedicação na dismenorreia primária entre estudantes de

			<p>graduação foi menor quando comparada a estudos semelhantes realizados em ambientes semelhantes. Poucos consultam um profissional de saúde e a maioria opta pela automedicação para controlar a dismenorreia.</p>
Mandal <i>et al.</i> , 2020 ¹¹	Nepal	Transversal	<p>A automedicação com antibióticos foi aumentando a cada ano sucessivo dos cursos de medicina. Os estudantes de medicina devem ser conscientizados sobre o uso racional de antibióticos, incorporando cursos apropriados em seu currículo acadêmico para uma prática mais refinada sobre antibióticos, em vez de apenas avançar no conhecimento teórico.</p>
Khadka e Kafle, 2020 ¹²	Nepal	Transversal	<p>A automedicação foi amplamente praticada entre os estudantes de medicina; os autores acreditam que essa prática pode aliviar problemas médicos, mas também envolve riscos de reações adversas a medicamentos, resistência e mascaramento de doenças subjacentes. Logo, os estudantes de medicina devem ter exposição suficiente para melhor compreender a prescrição racional e minimizar a automedicação.</p>
Niroomand <i>et al.</i> , 2020 ¹³	Irã	Transversal	<p>Embora os estudantes de ciências médicas tenham informações sobre o tratamento de doenças, eles deveriam estar mais informados sobre os resultados negativos e efeitos colaterais da automedicação. Devem também compartilhar seus conhecimentos com a sociedade para diminuir a automedicação.</p>

Tolentino e Netto, 2019 ¹⁴	Brasil	Transversal	É conhecido o abuso do uso do metilfenidato entre os estudantes de medicina da faculdade analisada com o objetivo de aperfeiçoar os resultados acadêmicos. Mais da metade tem acesso ao medicamento sem a prescrição médica.
Tognoli <i>et al.</i> , 2019 ¹⁵	Brasil	Transversal	O hábito da automedicação aumenta, gradativamente, ao decorrer da graduação, com isso, sugere-se implementação de proposta pedagógica educativa sobre esse assunto em grade curricular de cursos de Medicina.
Moraes <i>et al.</i> , 2018 ¹⁶	Brasil	Transversal	A prevalência da automedicação em acadêmicos de medicina é equiparada a índices nacionais, ou seja, altas taxas regionais da prática de consumo desregulado de fármacos, com predominância entre os acadêmicos do sexo feminino, principalmente do terceiro e quarto anos do curso.
Abdi <i>et al.</i> , 2018 ¹⁷	Irã	Transversal	Dada a elevada prevalência da automedicação entre os estudantes de ciências da saúde, sugere-se a disponibilização de cursos de formação sobre os riscos da automedicação, maior supervisão sobre a proibição de medicamentos de venda livre e instalações adequadas para o acesso dos estudantes aos serviços médicos.
Helal e Abou-EIWafa, 2017 ¹⁸	Egito	Transversal	A prevalência de práticas de automedicação é inesperadamente alta, seja entre estudantes de medicina ou não. Isto pode ser atribuído às longas filas de espera em clínicas ou hospitais e

			às fracas regulamentações e leis relaxadas do país, que se manifestam como um fraco controle sobre a venda de medicamentos em farmácias sem receita médica e publicidade que afeta a decisão dos jovens de se automedicarem.
Pilger <i>et al.</i> , 2016 ¹⁹	Brasil	Transversal	A automedicação é uma prática influenciada por diferentes fatores, tais como aspectos culturais, classe social, facilidade de acesso aos fármacos e, no caso dos estudantes de Medicina, pela progressão do acadêmico ao longo do curso. Tendo em vista que o médico também é um educador e formador de opinião, deve-se dar atenção a esta prática dentre os alunos do curso de Medicina, pois se os mesmos encaram a automedicação de maneira banalizada, dificilmente espera-se que eles orientem seus pacientes de forma crítica quanto ao uso racional e responsável dos medicamentos.
Alam; Saffoon e Uddin, 2015 ²⁰	Bangladesh	Transversal	O impacto da automedicação é quase semelhante em estudantes de medicina e farmácia. Verificou-se que os estudantes de medicina eram mais cuidadosos ao obter aconselhamento de um médico ou procurar ajuda profissional de algum profissional de saúde. Sobre a segurança da automedicação os estudantes de farmácia estavam mais conscientes do que os estudantes de medicina.
Silva <i>et al.</i> , 2015 ²¹	Brasil	Transversal	Observa-se elevada prevalência de automedicação entre acadêmicos da área da saúde, principalmente de medicamentos da classe dos analgésicos e antipiréticos, tendo a

			cefaleia o sintoma mais prevalente para uso de medicamentos. A maioria se aconselha com parentes, vizinhos ou amigos sobre o uso de medicamentos. Em adição, a principal justificativa para realização da automedicação foi que o sintoma apresentado não era motivo para procurar um médico.
Daanish e Mushkani, 2022 ²²	Afeganistão	Transversal	O uso de medicamentos, a automedicação e o uso de medicamentos sujeitos a receita médica foram mais prevalentes entre os alunos do quinto ano em comparação com os do primeiro ano. Isto aparentemente reflete o efeito da educação e formação médica.

Fonte: Os autores (2023)

A automedicação foi bastante prevalente na população do estudo, com 406 dos 489 indivíduos (83,0%) fazendo uso de algum dos medicamentos desde o início da pandemia. Os medicamentos mais utilizados foram Paracetamol (65,2%) e multivitamínicos (56,0%). Os motivos relatados para o uso desses medicamentos incluíram resfriado/gripe ou medidas preventivas para COVID-19⁷.

Semelhantemente, em outro estudo, a prevalência de automedicação foi de 58 estudantes de medicina (76,6%), de um total de 76, sendo mais comum entre estudantes do primeiro ano. A doença comum encontrada foi cefaleia e o medicamento comumente auto prescrito foi analgésico-antitérmico. A fonte mais comum de obtenção de medicamentos para os estudantes era a farmácia. Os alunos também prescreviam medicamentos para familiares e amigos. Mais da metade dos estudantes 52 (68,4%) relataram que as práticas de automedicação deveriam ser incentivadas¹².

Mais de 80% dos estudantes de medicina e farmácia se automedicaram em 2021. Os estudantes do último ano optaram pelo auto tratamento numa percentagem significativamente superior (94,8%) em comparação com os estudantes do primeiro ano (72,2%). Os principais preditores da automedicação foram o ano de estudo, condições de moradia e consumo de cigarro⁸. De modo semelhante, em outra pesquisa, perceberam que

os alunos do primeiro ano levavam a automedicação mais a sério do que os mais velhos. Além disso, foi constatado que estudantes do sexo feminino, não só do grupo de medicina, mas também de farmácia, representavam grande parcela deste estudo. Os alunos que estudaram em faculdades de medicina estavam mais preocupados em obter aconselhamento médico ou em procurar ajuda profissional²⁰.

Cerca de 81,3% dos estudantes de medicina inscritos no estudo faziam uso de automedicação. A frequência de automedicação entre os estágios clínicos foi superior aos estágios básicos. A cefaleia (92%) foi o motivo comum para a prática da automedicação entre as pessoas, seguida de febre (64%) e resfriado comum (58,6%), segundo opinião dos estudantes de medicina. A maioria dos entrevistados tinha pouco conhecimento (72,8%), porém mais da metade dos estudantes tinha uma atitude positiva (67,25%) em relação à automedicação⁹.

No total de 558 estudantes analisados, a prevalência da prática de automedicação de diferentes antibióticos foi de (n=285; 51,1%) no período analisado. Entre os estudantes que se automedicaram, (n=152; 53,3%) eram do sexo masculino. O medicamento comum para automedicação foi Azitromicina (n= 80; 28,1%) e a condição médica comum para uso de antibióticos de venda livre foi para tratamento de dor de garganta com coriza (n=129; 45,3%). A principal fonte de obtenção de antibióticos isentos de prescrição foram farmácias varejistas (n=157; 55,1%)¹¹.

Em um estudo realizado com 213 estudantes com dismenorrea primária, a automedicação foi encontrada em 78 (36,62%). Dentre todas as automedicações utilizadas, o ácido mefenâmico foi o mais usado, 57,69% estudantes usaram, seguido do paracetamol 11 (14,10%). Apenas 8 (3,75%) procuraram consulta médica. A maior prevalência de automedicação foi observada entre estudantes com dismenorrea grau II 35 (44,87%)¹⁰.

No outro estudo, a predominância de uso da Ritalina® foi pelo sexo masculino. Na Faculdade de Medicina no qual o estudo foi aplicado, possui método de ensino problem based learning (PBL), o quarto ano da graduação é considerado pelos estudantes como o ano mais difícil da faculdade e, foi observado que o abuso do uso do medicamento está diretamente relacionado à essa situação. Os estudantes que fazem o uso indiscriminado da Ritalina®, o fazem com a finalidade de potencializar os resultados acadêmicos com evidentes relatos, autodeclarados, de melhora desses resultados¹⁴.

A automedicação foi considerada uma opção em 309 dos participantes, a maioria

deles do sexo feminino, idade entre 21 a 23 anos, solteiros, sem curso superior prévio. O quadro clínico precedente à automedicação incluiu, principalmente, cefaleia e mialgia. Houve preferência por fármacos anteriormente utilizados, principalmente de analgésicos e anti-inflamatórios. Estar mais próximo ao término do curso e possuir convênio médico se relacionaram com automedicação¹⁵.

Sob uma análise abrangente, observou-se que as frequências de automedicação entre alunos do primeiro e segundo anos e do terceiro e quarto anos foram, respectivamente, 44,57% e 71,42%. Dentre eles, 43,15% se automedicavam. Dos alunos que se automedicavam, 36,3% indicariam o medicamento em uso para outrem, sendo que a classe de fármaco mais citada foi a dos analgésicos (52,05%) seguida pelos anti-inflamatórios (17,81%) e antiácidos (6,85%). O uso de psicotrópicos somou 6,85% das recomendações. Dentre as pessoas que diziam realizar a automedicação, 51% continuariam a prática. Tinham consciência dos riscos à saúde em relação à prática da ação em estudo 96,58% da amostra¹⁶.

A pesquisa avaliou 571 acadêmicos de medicina e, nestes, a automedicação pela classe dos analgésicos e antipiréticos com ação no sistema nervoso (N02A) foi a mais relatada (92,9%), e o princípio ativo mais mencionado a dipirona/dipirona e associações (55,9%). A principal causa de automedicação foi o reconhecimento que o sintoma apresentado não era motivo para a procura médica, destacando-se a cefaleia como sintoma mais prevalente²¹.

No Irã, a prevalência de automedicação foi de 89,6%. A experiência prévia sobre a doença, a não gravidade da doença e a disponibilidade de medicamentos foram os motivos mais prevalentes para a automedicação. Os medicamentos mais comumente usados incluíam remédios para resfriado comum, analgésicos e antibióticos. Os medicamentos mais utilizados foram comprimidos para resfriado, comprimido de paracetamol e cápsula de amoxicilina. A maioria dos estudantes obteve informações farmacêuticas do médico farmacêutico e de fontes online. A automedicação não apresentou diferença significativa em variáveis como idade, sexo, estado civil, situação de seguro e residência¹⁷.

No Egito, a prevalência de automedicação foi de 62,9%. Estudantes mais jovens, do sexo feminino, de medicina, já casados e que possuem farmácia domiciliar tenderam a se automedicar mais do que seus pares, com diferença significativa entre eles¹⁸.

A partir de questionários, observou-se que dos 609 estudantes que responderam aos

questionários, 548 (90%) referiram ter se automedicado nos últimos 12 meses. A faixa dos 22 até 39 anos tiveram a prevalência mais alta (94%). As classes de medicamentos mais utilizadas pelos participantes da pesquisa ao se automedicarem foram os analgésicos (93%), AINEs (76%) e antitêrmicos (58%). Além disso, 18% dos entrevistados afirmaram ter feito uso de antibióticos sem prescrição médica, e 9% alegaram ter feito uso de psicofármacos. O método de obtenção mais comum do fármaco foi a compra na farmácia sem prescrição (87%)¹⁹.

Por fim, no Afeganistão, do total de 302 estudantes analisados, a prevalência de uso de medicamentos foi de 38%. A prevalência de automedicação em toda a população estudada foi de 25,16%, enquanto naquelas que fizeram uso de medicamentos foi de 64,9%. A prática da automedicação e o uso de medicamentos sujeitos a receita médica foram mais prevalentes entre os estudantes do quinto ano e entre os do sexo masculino. Paracetamol, anti-infecciosos e AINEs foram medicamentos mais utilizados²².

4. DISCUSSÃO

Os resultados indicam uma alta prevalência de automedicação entre estudantes de medicina, com um aumento significativo à medida que os alunos avançam em seu curso. Portanto, o acúmulo de conhecimento, seja adquirido por meio de instituições educacionais ou experiências de vida, resulta em uma maior autoconfiança entre aqueles que optam por se automedicar^{23,24}. Isso representa um problema de saúde importante. Desse modo, há uma necessidade evidente de implementar educação sobre uso racional de medicamentos nos currículos acadêmicos e de promover uma maior supervisão sobre a venda de medicamentos sem prescrição médica, a fim de reduzir a automedicação entre os futuros profissionais de saúde e proteger a saúde pública.

Nesse contexto, torna-se evidente que estudantes de medicina são um grupo suscetível à automedicação e que possuem uma motivação diária para a automedicação, inclusive de remédios fortes, que irão fazer com que os alunos fiquem acordados e consigam entender melhor os assuntos repassados diariamente. Essa propensão pode ser atribuída à natureza da formação médica, que não apenas os expõe ao risco dessa prática, como também lhes fornece uma base teórica para identificar sintomas e escolher medicamentos adequados para diversas situações, além disso exige uma rotina árdua de estudos regular além das aulas diárias.

Contudo, a automedicação apresenta uma série de riscos, incluindo a possibilidade de atrasar ou levar a diagnósticos incorretos devido à supressão dos sintomas, o que pode resultar no agravamento de condições de saúde. Ademais, o uso de medicamentos inadequados, a administração incorreta, dosagens inapropriadas e a utilização prolongada podem causar sérios danos à saúde, como reações alérgicas, intoxicações, e outros problemas¹⁶. No contexto brasileiro, as ocorrências de intoxicação devido ao uso inadequado de medicamentos ocupam posição de destaque²⁵.

Nos últimos anos, tem-se observado um aumento no uso indiscriminado de Ritalina por acadêmicos de medicina¹⁴. A Ritalina possui o metilfenidato em sua composição, uma substância estimulante do sistema nervoso central (SNC), que inibe a liberação de dopamina em uma área específica do cérebro, agindo como neuro estimulante. Logo, os estudantes de medicina são mais suscetíveis ao uso excessivo dessa substância, visando melhorar o desempenho acadêmico. Essa tendência ocorre devido à constante pressão, longas jornadas de estudo e a falta de sono enfrentada por esses alunos²⁶.

Logo, durante a formação os acadêmicos de medicina são ensinados sobre todos os riscos e fatores envolvidos na automedicação e, às vezes, são expostos a casos de problemas de saúde graves causados por a ingestão de remédios sem prescrição. Por isso, essa é uma prática perigosa que deve ser evitada sempre que possível e principalmente por uma classe que logo estabelecerá uma relação médico paciente que precisa ser de confiança e de espelho. Assim, deve-se propagar uma cultura forte em todas as faculdades de medicina do país de anti-automedicação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos diversos aspectos abordados sobre a automedicação e seus riscos, fica claro que essa prática é uma preocupação significativa tanto entre estudantes de medicina como na população em geral. A automedicação pode levar ao agravo de doenças e causar sérios danos à saúde. Além disso, a influência de fatores como marketing persuasivo, acesso fácil a medicamentos sem prescrição e pressões acadêmicas contribui para a propagação desse hábito.

É fundamental reconhecer a importância de uma educação mais abrangente sobre o uso responsável de medicamentos em todos os níveis de formação na área de saúde. Isso deve incluir não apenas o conhecimento técnico, mas também a conscientização sobre

os riscos da automedicação. Além disso, é necessário fortalecer a supervisão e regulamentação sobre a venda de medicamentos sem prescrição médica, e a sociedade como um todo deve estar ciente dos perigos associados à automedicação.

As políticas públicas de saúde sobre automedicação têm sido eficazes em reduzir a prática no Brasil. No entanto, ainda é necessário um esforço contínuo para conscientizar e fiscalizar a população sobre os riscos desse hábito. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) deve fortalecer a fiscalização do mercado farmacêutico para evitar a comercialização de medicamentos sem receita médica.

Assim como, a publicidade de medicamentos deve ser regulamentada para evitar que ela incentive a automedicação, devendo ser clara e objetiva, e enfatizando os riscos da automedicação; Dessa feita, a avaliação periódica dessas políticas é essencial para garantir que elas sejam eficazes no combate desse hábito. A implementação dessas ações pode contribuir para reduzir a automedicação e melhorar a saúde da população.

REFERÊNCIAS

1. G Gonzalez MHSS, Silva RTL, Santos SM, Domingues TRC. O impacto da automedicação na vida dos brasileiros, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Técnico em Enfermagem) - ETEC Padre José Nunes Dias, Monte Aprazível, (SP).
2. Álvares J, Alves MCGP, Escuder MML, Almeida, AM, Izidoro JB, Guerra AA, et al. National Survey on Access, Use and Promotion of Rational Use of Medicines: methods. *Rev Saude Publica*. 2017;51(suppl 2):4s. Published 2017 Nov 13. doi:10.11606/S1518-8787.2017051007027
3. Costa Junior VS, Oliveira ALR de, Amorim AT. Automedicação influenciada pela mídia no Brasil. RSD [Internet]. 2022Jun.12 [citado em 2024Jan.22];11(8):e11011830678. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/30678>
4. Santos AC, Oliveira RC, Souza FF, & Pereira LM, (2017). Automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade privada no estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(1), 64-70.
5. Oliveira AS, Soares MF, Pereira LM, & Silva MLC (2019). A automedicação em acadêmicos de medicina: perfil e consequências. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43(2), 22-28.
6. Soares CB, Hoga LAK, Peduzzi M, Sangaleti C, Yonekura T, Silva DRAD. Revisão Integrativa: Conceitos e Métodos Utilizados em Enfermagem. *Rev. Enferm. USP* [Internet]. 1º de abril de 2014 [citado em 22 de janeiro de 2024];48(2):335-4. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/84097>

7. Yasmin F, Asghar MS, Naeem U, Najeeb H, Nauman H, Ahsan MN, et al. Self-Medication Practices in Medical Students During the COVID-19 Pandemic: A Cross-Sectional Analysis. *Front Public Health*. 2022 Mar 9;10:803937. doi: 10.3389/fpubh.2022.803937. PMID: 35356012; PMCID: PMC8959567.
8. Tomas Petrović A, Pavlović N, Stilinović N, Lalović N, Paut Kusturica M, Dugandžija T, et al. Self-Medication Perceptions and Practice of Medical and Pharmacy Students in Serbia. *Int J Environ Res Public Health*. 2022 Jan 21;19(3):1193. doi: 10.3390/ijerph19031193. PMID: 35162213; PMCID: PMC8834465.
9. Ramadan B. Knowledge and attitude of medical students toward self-medication. *J Popul Ther Clin Pharmacol*. 2022;28(2):e83-e91. Published 2022 Jan 21. doi:10.47750/jptcp.2022.862
10. Shrestha R, Bhandari MS, Shrestha SS, Shrestha JTM, Shrestha U. Self-medication in Primary Dysmenorrhea among Undergraduate Students in a Medical College: A Descriptive Cross-sectional Study. *JNMA J Nepal Med Assoc*. 2022;60(256):1011-1015. Published 2022 Dec 1. doi:10.31729/jnma.7816
11. Mandal NK, Rauniyar GP, Rai DS, Panday DR, Kushwaha R, Agrawal SK, et al. Self-medication Practice of Antibiotics among Medical and Dental Undergraduate Students in a Medical College in Eastern Nepal: A Descriptive Cross-sectional Study. *JNMA J Nepal Med Assoc*. 2020 May 30;58(225):328-332. doi: 10.31729/jnma.4914. PMID: 32538928; PMCID: PMC7654467.
12. Khadka A, Kafle KK. Prevalence of Self-medication among MBBS students of a Medical College in Kathmandu. *JNMA J Nepal Med Assoc*. 2020;58(222):69-75. doi:10.31729/jnma.4840
13. Niroomand N, Bayati M, Seif M, Delavari S, Delavari S. Self-medication Pattern and Prevalence Among Iranian Medical Sciences Students. *Curr Drug Saf*. 2020;15(1):45-52. doi: 10.2174/1574886314666191022095058. PMID: 31642791.
14. Tolentino JE de F, Netto JP da S. O uso off label de metilfenidato entre estudantes de medicina para aprimoramento do desempenho acadêmico. *Com. Ciências Saúde [Internet]*. 19º de julho de 2020 [citado 22º de janeiro de 2024];30(01). Disponível em: <https://revistaccs.escs.edu.br/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/396>
15. Tognoli TA, Tavares VO, Ramos APD, Batigalia F, Godoy JMP, Ramos RR. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. **Journal Of Health & Biological Sciences**, [S.L.], v. 7, n. 4-, p. 382-386, 30 set. 2019. Instituto para o Desenvolvimento da Educacao. <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i4.2571.p382-386.2019>.
16. Moraes LGM, Bernardina LSD, Andriato LC, Dalvi LR, Loyola YCS. Automedicação em acadêmicos de Medicina. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 16, n. 3, p. 167–170, 2018.

17. Abdi A, Faraji A, Dehghan F, Khatony A. Prevalence of self-medication practice among health sciences students in Kermanshah, Iran. **BMC Pharmacology and Toxicology**, v. 19, n. 1, 2018.
18. Helal RM, Abou-ElWafa HS. Self-Medication in University Students from the City of Mansoura, Egypt. *J Environ Public Health*. 2017;2017:9145193. doi:10.1155/2017/9145193
19. Pilger MC, Dombrowski G, Rebelo M, Tomasi E. Automedicação entre acadêmicos de Medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS. **Rev. AMRIGS**, 60(1): 26-31, jan.-mar.2016.
20. Alam N, Saffoon N, Uddin R. Self-medication among medical and pharmacy students in Bangladesh. *BMC Res Notes*. 2015;8:763. Published 2015 Dec 9. doi:10.1186/s13104-015-1737-0
21. Silva LB da, Piveta LN, Giroto E, Guidoni CM. CONSUMO DE MEDICAMENTOS E PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO POR ACADÊMICOS DA ÁREA DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. *Espac. Saude [Internet]*. 29º de junho de 2015 [citado 22º de janeiro de 2024];16(2):27-36. Disponível em: <https://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/403>
22. Daanish AF, Mushkani EA. Influence of Medical Education on Medicine Use and Self-Medication Among Medical Students: A Cross-Sectional Study from Kabul. *Drug Healthc Patient Saf*. 2022;14:79-85. Published 2022 May 23. doi:10.2147/DHPS.S360072
23. Lopes AP, Tomba MZM, Ferreira LB, Simonato LE, Ramos RR. Tendência da Prática de Automedicação entre Universitários do Curso de Odontologia na Universidade Brasil. *Arch Health Invest [Internet]*. 18º de outubro de 2021 [citado 22º de janeiro de 2024];11(2):325-31. Disponível em: <https://www.archhealthinvestigation.com.br/ArchHI/article/view/5264>
24. Lucena LC, Souto AA, Lucena LC, Marques TN, Neves ACD. Prevalência da automedicação entre acadêmicos da área da saúde em Faculdade de Porto Nacional. **Revista Científica do ITPAC, Araguaína**, v. 13, n. 1, 2020.
25. Silva LPA. Riscos da automedicação: uma breve revisão bibliográfica / Risks of self-medication: a brief literature review. *Braz. J. Develop. [Internet]*. 2021 Dec. 29 [cited 2024 Jan. 22];7(12):112552-60. Available from: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/40769>
26. Rosa AF, Maldaner AC, Feitosa AL, Medeiros GRC, Brandão IAB, da Silva JP, Mesquita NR, da Silva KN, de Albuquerque S, Junior AGB. O uso de Metilfenidato (Ritalina®) por estudantes de Medicina de um Centro Universitário de Porto Velho. *REAS [Internet]*. 5abr.2021 [citado 22jan.2024];13(4):e6846. Available from: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6846>